

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## O DIA 31 DE JULHO DE 1881

Festa sem igual nas recordações dos meus illustres e cavalleirosos conterraneos foi com certeza a de 31 do mez passado; e tanto mais para admirar, quanto é sabido que fora um quasi improvisado, um movimento subito, espontaneo, sem outras influencias e impulsos alem dos do sentimento geral apenas despertado pela iniciativa de um ecclesiastico, sobremaneira amavel e modesto.

O Snr. Padre Francisco Xavier, é forçoso que se diga, cabe-lhe aqui a gloria do general feliz que *chegou*, que *viu* e que *venceu*.

Mas a festa! Que ordem deverei seguir na descripção de semelhante festa? Deverei começar pela orchestra, pela decoração do templo, pela inauguração da escola, pela fervida eloquencia do Snr. Dr. Alves Mendes que tem o segredo de subjugar pelo grandioso e de attrahir pelas incantadas harmonias e louçainhas da sua phrase e que era, per si só, mais que bastante para vingar a gloria do pulpito portuguez?

Deverei começar pelo concurso dos nobilissimos caracteres que trouxeram á festa o tributo do sua intelligencia, de sua actividade, de sua munificencia, de sua palavra inspirada e suave como as harmonias de um cantico?

Deverei proseguir depois, pelo aceio e compostura das brilhantes corporações religiosas d'esta cidade, pela magnificencia de alfaias e de roupagens, pelos primores de graça e de gosto, personificados em, não sei quantas dezenas de meninos e donzellinhas caminhando adiante, aos pés do Divino Salvador Jesus, como uma vertente de innocencia, de perdão e de caridade que se vae derivando das entranhas do seu infinito amor?

Deverei descrever e assignalar aqui todas as grandezas e pompas da festa do Coração de Jesus caminhando pelas ruas de Guimarães em procissão triumphal, no meio dos damascos, das flores, das musicas, dos *hosannas*; no meio de um povo em massa ondeante, soffrego, surpreso, commovido, anhelante? Não. Eu serei discreto na solemnidade d'este momento e guardar-me-hei de amesquinhar e descolorir na prosa fria e desgraciosa de um artigo de jornal, episodios dignos de uma epopèa.

Mas um esboço a correr, d'essa fantasiosa e incantada noite que breve começára a desdobrar-se nas ruas de Guimarães em ondas de luz caprichosa, fantastica, variegada, de verá tentar-se?

Vejamõs de corrida as maravilhas d'esta cidade illuminada.

Aqui já perto, em magas combinações de luz, vicejam prados e flores, corre além o cristal de límpidas correntes, variam-se, mais longe os accidentes de um crepusculo vespertino, sahe mais d'ali um jorro de pedrarias multicolores, arqueia-se lá além uma abobada de soes por onde a vista absorta se perde longamente, acendem-se festões, grinaldas, piramides, obeliscos, despenham-se catadupas, correm pelas janellas ao longo, quanto a vista alcança, rios coruscantes e até no proprio chão scintillam lucidas estrellas.

E' um delirio sublime! Uma embriaguez de luz!

Não pode mais a vista deslumbrada.

Mas então, como por magico desenfado, lá vem de varios pontos da cidade, de todas as ruas e praças illuminadas, nas tepidas azas da viração d'esta deliciosa noite os modulados jubilos de uma cidade toda musica. Os que amam a *reverie* (por que eu não tenho agora uma palavra de casa para exprimir a minha idea) nunca tão boa occasião se lhes deparou de escutar melodias que melhormente respondessem ás suas vagas aspirações e que lhes fossem devancar mais dentro, pelos mysterios da alma.

E' uma hora da noite e mal se conhece o decrescimento da onda popular; ouve-se ainda o reboiço das multidões palreiras, indecisas, alegres, inquietas, mais sedentas de goso quanto mais o bebem a largos sorvos.

Fantasia de um sonho; outra noite acrescentada ás *Mil e Uma*, dos contos orientaes, dir-se-hia que era aquillo, se se não visse, se se não sentisse a sua realidade, a sua presença viva.

Mas vão lá agora dizer o que é capaz de realisar o enthusiasmo de um povo que ama a liberdade, o progresso, a sciencia, o genio e as grandes perspectivas do futuro que se alarga em luminosos horisontes até ao Infinito, quando a synthese de todas estas grandezas lhe sorri na face divina de Jesus; de Jesus o Soberano Libertador, o Soberano Modelo da perfeição, o Verbo creador de todos os seres visiveis e invisiveis, o Caminho, a Verdade, a Vida, a Luz eterna dos espiritos. . . o Divino Coração abrindo-se a todo o genero humano e derramando sobre elle os thesouros do seu immenso amor.

Ha cousas que escapam á analyse pela sua propria grandiosidade e então é preciso remontar o vôo e abrangel-as de muito alto no seu admiravel conjuncto.

Eu tenho visto a expansão do sentimento catholico em duas manifestações indescriptiveis: foi em Braga, ha um anno, pouco mais ou menos, quando assisti commovido á mais brilhante festividade que ainda meus olhos tinham presenciado. Eu felicitei nos intimos alvoroços do meu coração aquelle generoso povo de irmãos, por entre os quaes, a Excelsa Virgem da Immaculada Conceição passava triumphantemente.

Parece-me vel-a ainda hoje (Visão anticipada do ceo!) as mãos abençoando, e a celestial belleza de seus olhos irradiando todas as graças e mimos da maternidade no meio de filhos delectissimos que a acclamavam nas pompas de uma solemnidade que será para sempre a gloria d'aquella cidade christianissima. Foi a segunda manifestação em Guimarães no dia 31 de julho de 1881. Uma e outra, dignas de dous povos irmãos que se amam e se abraçam nos enthusiasmos da mesma fé e na chamma inextinguivel da mesma caridade.

PADRE S. DA COSTA VIEIRA LEITE.

## SUMMARIO:

O dia 31 de julho de 1881, pelo padre S. da Costa Vieira Leite.—Leão 13, a formação do partido catholico portuguez e os separatistas, p. lo padre Senna Freitas.—SECÇÃO SCIENTIFICA: O homem-macaco pelo P.º F. Sanchez.—SECÇÃO HISTORICA: O Papa Pio VI, pelo P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECÇÃO CRITICA: Coisas! Coisas!, por um leitor de gazetas.—SECÇÃO LITTERARIA: A gota de sangue, poesia por A. Moreira Bello.—SECÇÃO ARTISTICA: O meu pensar acerca das artes portuguezas no seculo XIX?, pelo P.º Alfredo Elviro dos Santos.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—Boletim do Monumento a Pio IX, o grande.

## GUIMARÃES 13 DE AGOSTO DE 1881

## Leão 15, a formação do partido catholico portuguez e os separatistas

E' muito de notar que a imprensa separatista se mostre mais severa e intransigente que o Papa na questão da união catholica. Com que direito o faz não sei, nem... ella tambem.

Que quer e que exige Leão 13 na Carta de approvação que endereçou, em 19 de março d'este anno, ao conde de Orgaz e mais individuos do supremo conselho da associação hespanhola? Quer que n'essa união entrem todos os catholicos hespanhoes «SEM ACCEPÇÃO DE PESSOAS.» Apezar das aspas, e sob pena de ser redundante, observei que as palavras citadas são textualmente de Leão 13. Quer elle que não se organise um gremio só de legitimistas, como se tivessem o monopolio da fé e do zelo, nem só de constitucionaes e republicanos, senão um gremio collectivo, synthetico, composto de homens de todas as opiniões politicas, fundidos na unidade da mesma crença religiosa, da mesma vontade decidida de a sustentar e defender. E que exige? «que sejam expulsos do numero dos socios aquelles que por suas palavras ou por suas obras mostrem que não professam as doutrinas orthodoxas ou se desviam dos mandatos da Santa Sé e dos seus bispos respectivos.» Nenhum outro tão pouco é o nosso desejo senão que se unam a nós todos os que adherem sem restricção alguma ás doutrinas e mandatos da Santa Sé e se afastem como incompativeis com o nosso gremio os que estiverem no caso contrario.

Porém o Summo Pontifice não recusou a sua approvação á nova e brava associação que lh'a supplicava, apezar de saber ás mil maravilhas que ella se compunha de individuos de politica heterogenea; apezar de conhecer qual a intransigencia burlesca dos nocedalistas relativamente ao pensamento da união. Não desceu ás miseraveis insinuações de que, se os fusionistas estendiam a mão aos «tradicionalistas», era para at- trahil-os traiçoeiramente ao seu partido, para lhes fazer enrolar a sua bandeira impoluta e sacrificar ao bezerro d'ouro da Revolução.

Taes insinuações e desconfianças só partem de um minguido numero de individuos mal humorados, angulosos como uma pinha, insolúveis como a camphora, e que, de resto, nunca provarão os motivos positivos da sua desconfiança, por mais que os provoquemos a isso.

Porque motivo então insiste tanto a imprensa scissionista em infiltrar no animo dos pobresinhos de espirito a ideia sinistra de planos tenebrosos n'um partido, que por ora se pode considerar de mais a mais como *non-nato*? Aqui *latet anguis*. E' caso de examinar o phenomeno.

Receiam os legitimistas contaminar-se ao contacto pestifero dos anti-legitimistas, todavia se um dos primeiros for convidado para um jantar por um dos seus correligionarios e alli se encontra com liberaes, nem por isso se levanta da meza, nem se ruborisa indignado, nem deixa em repouso o talher... nem depois de bem jantado sente enfiar-se-lhe o braço para darem juntos um pequeno passeio urbano, com todo o escandalo de uma publicidade completa.

Sahe a passeio, e topa com um liberal (tomo aqui liberal no sentido meramente politico da palavra. Fique entendido uma vez por todas), e sem attender a que é dos catholicos espurios, aperta-lhe os ossos com uma cordialidade effusiva e talvez chegue a offerecer-lhe o braço para darem juntos um pequeno passeio urbano, com todo o escandalo de uma publicidade completa.

Vai ao theatro e o accaso depara-lhe na platea dous liberaes assentados precisamente aos seus lados. Nem por isso muda de lugar. Sentado está e sentado fica, e o que é mais, principiam todos trez a entabolar a mais calorosa e amigavel conversação, como trez bons compadres.

Tracta-se de fundar uma empresa bancaria ou uma companhia «anonyma limitada», e junta-se o legitimista com o liberal, que digo eu, com o liberal? com o judeu e o materialista para levarem a cabo a empresa bonitamente, airozamente, sem que o homem da bandeira branca recie o contacto com o malhado, nem com o abstemio da carne de porco nem com o materialão.

Cria-se um novo jornal, destinado a advogar a legitimidade e por vezes o administrador d'elle, o editor, e mais

que um collaborador são de politica antithetica á da redacção.

«Mas que tem la isso? responder-me-hão. Devem por ventura os legitimistas converter-se em monges, emigrar da sociedade e morrer de fome para não tractarem com os reprobos?»

De modo nenhum! Somos nós os primeiros a desejar que não morram de fome, que se assentem como todos ao grande convivio social, e locupletem o bolso á vontade. Mas o que não nos parece bem, nem toleravel sequer, é que achando elles desculpaveis e até necessarios todos estes contactos, só os achem inadmissiveis em se tractando do mais santo de todos elles; o que nos não parece bem é que guardem todos os seus escrúpulos, repugnancias e excommunições para o generoso alvitre de um grupo de catholicos, apostolicos, romanos, que abstrahindo da sua politica respectiva, se unem ou pretendem unir-se para christianisar uma sociedade epicurista e athea, impulsionados pelo verbo augusto de Leão 13 e amanhã protegidos pela sua benção. E' força confessar que os que assim procedem teem uma consciencia verdadeiramente caprichosa. Se para comer, passear, gozar, negociar, enriquecer, não ha que esmiuçar relações, nem fazer ecléctismos, e só ha que fazel-os quando os catholicos dos diferentes matizes politicos concretam as suas forças para «combater a bom combate» e dar caça á revolução, chegamos evidentemente aos tempos mais desgraçados da historia, e perdemos não só o senso moral mas até o senso commum.

Todavia, louvado seja Deus! Poucos são entre os portuguezes os que não abraçam a grandiosa ideia da união. Não fallo já só dos seculares. Sabemos que o melhor do nosso clero é por ella. Sabemos que os membros das diferentes congregações que entre nós existem, a principiar pela Companhia de Jesus, são por ella. Sabemos que os mais virtuosos e zelosos dos nossos Bispos a desejam, a querem, a abendiguam e estão promptos a fomental-a sem medo a lobishomens. Só a não querem uns poucos de anonymos, azevados a solapar todas as empresas catholicas, associações (alcunhadas de maçonicas), jornaes, projectos de reconciliação etc., instigados por um catholicismo de natureza ignota

Pois bem. Busquemos resolver este problema sem mais preambulos. Porque é que essa mãocheia de anonymos só teme a união, quando ella reveste o seu character mais accetavel, nobre e sagrado? Vou dizer francamente a minha humilde opinião a este respeito, e parece-me que se não puzer o dedo lá *dove sangra la piúga*, lhe andarei por muito perto, onde a carne já é esponjosa.

Por sem duvida que ha muitos legitimistas razoaveis, que comprehendem a epocha critica em que vivemos e quaes as exigencias que impoem as circumstancias actuaes que atravessamos. Todos esses opinam no nosso sentido. Amamol-os, respeitamol-os tanto quanto amamos e respeitamos a causa politica pela qual se pronunciam as suas sympathias, pois embora os seus principios sejam discutiveis, cremos que o triumpho d'essa causa concorreria singularmente para o triumpho da religião.

Mas existe um certo grupo do mencionado partido que leva até ao fanatismo a defesa do seu credo, a ponto de parecer que faz da religião uma alavanca politica e que colloca esta acima da propria religião, senão theoreticamente, ao menos praticamente, porquanto na collisão entre as duas é a politica que parece dar a preferencia, como no caso, a que nos estamos referindo.

Este grupo é o dos que só veem em linha recta e não teem no cerebro mais que uma celula onde se abriga uma só idea. E' o grupo dos que vivem na dulcissima e inabalavel convicção de que a sua causa, contra todas as leis sociaes, está proxima a triumphar. E' o mesino que salivava e engulvia rios de jubilação quando Nicolau 1.º da Russia alcançava uma nova victoria sobre o exercito alliado ou quando Carlos 7.º triumphava em Somorostro; é o mesino grupo que n'essas occasiões regougava com um prazer hydropico, esfregando as mãos: «a cousa está *por dias!*»

Compõe-se elle de duas categorias de individuos, de *tolos* que não chegam bem a medir dois dedos de testa, especie de alarmistas ou de ferrabrazes politicos que excommungam por sua conta e risco tudo quanto não lér pela cartilha d'elles; e de *espertos*, fanatizados pela paixão partidaria, impacientes de trepar ao erario e á séde curul; descahidos de hontem que esperam ser os predilectos de amanhã, e que nunca acabam de comprehender que a sociedade caminha como um syllogismo que se formula com tamanho rigor que, postas as premissas, a conclusão é inevitavel. Os ineptos vão atraz dos esperlos com uma docilidade caprina, e adoram-lhes as decisões dogmaticas. A estes convem-lhes augmentar, ou pelo meos não perder o numero dos seus

adictos, porque sem a vontade da nação como poderá subir ao throno o chefe desejado da nação? Para obterem, portanto, tal resultado buscam insinuar e fazer calar bem fundo na massa do povo ainda felizmente catholica, a idea de que o catholicismo está por tal arte identificado com o legitimismo que fora d'este não ha verdadeiros catholicos ou crentes sinceros, nem sem elle a religião pode proseguir a sua obra civilisadora. Confundida a causa do catholicismo com a da politica, considerada a segunda como a condição sine qua non da primeira, é claro que os adherentes de qualquer outra communhão partidaria serão tidos por outros tantos dissidentes da religião.

Formulado assim ao povo (de gravata ou sem ella) este principio fundamental, elle deve naturalmente detestar tudo quanto fôr liberal e estremecer tudo quanto fôr tradicionalista, n'uma palavra, deve ver um profano mais ou menos perigoso no que não houver recebido um certo baptismo politico.

E' o que se quer.

Se, portanto, apparecerem individuos que, mau grado as suas ideas constitucionaes ou ainda democraticas, se affirmam francamente catholicos e curam a todo transe de unir-se para fomentar os interesses do catholicismo perseguido, estes homens tornam-se *ipso facto* um obstaculo ao plano do famoso grupo que deixamos photographado, *uma contradição flagrante* com o seu principio fundamental.

Por conseguinte, que cumpre fazer? Apodal-os de traidores, de tartufos, e fazel-os considerar como laes. Eis effectivamente o que se faz e eis para mim a solução do problema cujo X busquei encontrar.

Não será deploravel? . . .

E' soberanamente ridiculo tanto especular, tanto afanar, tanto guerrear por uma determinada politica, na epocha entre todas solemne em que a questão magna, a questão de vida ou de morte, o formidavel *casus belli* que arma as sociedades é a causa catholica. O que se persegue não é a legitimidade, não. Que partido ou que povo se lembraria hoje de hostilizar a serio a legitimidade, quando o triumpho d'ella é mais que nunca probabilissimo, visto como as theorias da politica moderna (cuja verdade sociologica não analysamos) trespordam por sobre todas as nações como uma torrente diluviana contra a qual não ha lutar? Que espirito reflexivo se embalaria por um instante na idea chimerica de que as nações abraçariam de repente o que se oppõe ás tendencias, á educação, ao voto dos individuos que as constituem, tendencias e votos expressos com uma tonalidade terrivelmente crescente? O

catholicismo! O catholicismo! Eis o inimigo, repito, contra o qual a Revolução dirige os seus trabalhos de sapa; levanta os seus sinistros arietes e assesta a sua bateria *raizada*, com uma actividade delirante e uma raiva infernal. Sendo, pois, commum o adversario para todos os homens politicos que teem a gloria de filiar-se na mesma communhão christã, sejam outrosim communs os esforços d'estes para arcaem á mão teste com esse adversario e impedir que force as nossas ultimas trincheiras.

Grande Deus! E' no momento gravissimo em que se estremam com uma evidencia deslumbrante os dois campos, os dois unicos campos belligerantes— *catholicismo e socialismo*, para ferirem a mais titanica peleja que os seculos teem presenciado, é no momento decisivo em que *todos os deuses se vão e só ficam Deus e Satan* em perspectiva, é, digo, n'este momento que os soldados da causa catholica hão-de estar a fazer uma *questão vital* das côres azues ou brancas dos seus respectivos regimentos, a amuar por questões de *ménage* e a recusar pegar em armas para se agarrarem com os seus idolos estremecidos como outr'ora Eneas com os seus penates fugindo do incendio de Troya? Incrível! Incomprehensível!

Bem sei, querieis a União catholica, amigos, mas querieis que ella se organizasse só entre os da vossa bandeira politica? Não védes que para isso não sois bastantes?

«Pois bem, respondeis, n'esse cazo preferimos cruzar os braços até que passe a avalanche. Adoptamos o systema da abstenção.»

Não profaneis o idioma portuguez; não chameis systema de abstenção ao que é simplesmente um grande peccado e um funesto desatino. O retrahimento como plano não é só perigoso, senão contraproducente; porque hoje tudo é campo de batalha e o que não lucha pelo bem auxilia o mal.

E' força combater e combater sem levantar mão, *em todos os terrenos autorizados pela lei*, a fim de evitar que dez que chilream representem mais força que cem que estão calados.

Para que nos denunciaes como se fóramos vossos antagonistas? Porque ignorais qual será o nosso programma? Pois dai-nol-o, que nós o accitaremos, com tanto que n'elle ponhais partidos de parte. Não sabeis qual será o presidente da futura união? estamos promptos a tomal-o nas vossas fileiras. Que mais quereis?

Estou cansado de escrever sobre este grave assumpto. Provavelmente nada mais direi sobre elle. Agora é necessario fazer mais que escrever, é necessario que, na esphera das minhas limita-

dissimas forças, concorra para o que mais importa, para a organização pratica da União catholica portugueza.

(Aguas de Mondariz.)

PADRE SENNA FREITAS.

## Secção Scientifica

### O HOMEM-MACACO

(Continuação)

Ha porem um attributo tão proprio do homem, que, melhor do que nenhum outro, mostra a distancia infinita que o separa de toda a escala animal.

Este caracter essencial e exclusivo, este *sanctius hic* de Ovidio, é a *religiosidade*, conjuncto de faculdades que nos levam a *crer em seres superiores e em outra vida alem da campa*.

Ainda alguém poderá vêr nos animaes uma sombra da intelligencia humana; é certo porem que até hoje ninguém descobriu n'elles o mais simples vislumbre de religiosidade.

Mas se o sentimento religioso é o apanagio exclusivo do homem, podel-o-hemos considerar como um caracter universal, caracter que se encontre até nas raças mais degradadas?

Para respondermos cabalmente a esta questão de summa importancia vamos recorrer a autoridades insuspeitas e do maior pezo.

Hoje, para certa gente, não basta afirmar o que a razão dicta; é necessario a contraprova da observação. Vejamos, pois, o que esta nos diz pela bocca d'um dos mais conscienciosos naturalistas da actualidade, o illustre Quatrefages:

«O resultado das minhas investigações é exactamente o contrario d'aquelle a que chegaram M. Saint-Hilaire e sir John Lubbock.

Obrigado pelos deveres do magisterio a estudar todas as raças humanas, procurei o atheismo tanto nas mais inferiores como nas mais elevadas, e em parte alguma o encontrei a não ser no estado individual ou em escolas mais ou menos restrictas, como se viu na Europa no seculo passado ou como ainda hoje se vê.

Será verdadeo que factos analogos se tenham dado em outras partes e que algumas tribus Americanas, algumas populações polynesias ou melanesias, algumas hordas de Beduinos tenham perdido as noções da divindade e d'uma outra vida? E' possivel.

Mas ao lado d'ellas viviam outras tribus, outras populações, outras hordas, exactamente da mesma raça, onde se conservou a fé religiosa. E' o que se colhe dos mesmos exemplos citados por Lubbock.

O grande facto é este: o atheismo só se encontra no *estado erratico*.

Por toda a parte e sempre, a massa das populações escapou a este mal moral; nem uma das grandes raças humanas, nem mesmo uma divisão qualquer pouco importante d'estas raças foi em parte alguma athea.

Tal é o resultado d'uma investigação que me é licito chamar conscienciosa, e que encetei muito antes de reger a cadeira de anthropologia.

E' verdade que n'estas indagações procedi e conclui, não como pensador, como crente ou como philosopho, todos mais ou menos preocupados com um ideal que accitam ou combatem, mas como *naturalista* que, primeiro que tudo, indaga e averigua *factos*.

Vejamos agora o que diz o sabio Max Muller:

«Podemos afirmar que, a despeito de todas as indagações, em nenhuma parte se encontrou um ser humano, que não tenha alguma coisa que lhe sirva de religião... Ainda se não viu nação ou tribu sem a crença em seres superiores, e se houve viajantes que o asseveraram foram mais tarde desmentidos pelos factos.

Podemos, pois, dizer que a religião, tomando esta palavra no seu sentido mais amplo, é um phenomeno universal na humanidade.»

«Estas conclusões são exactas, diz pela sua parte o marquez de Nadaillac, tanto com relação ás populações contemporaneas como áquellas de que reza a historia; e não o são menos com referencia ás raças pre-historicas, pois, quaesquer que sejam as difficuldades que ainda hoje se oppoem ás nossas investigações, sabemos já que as honras prestadas aos mortos, os cuidados piedosos que dispensavam ás sepulturas, a presença nos tumulos de armas, de utensilios, de ornamentos e até de alimentos, são uma prova evidente de que, para estes povos primitivos, nem tudo acabava com a vida mortal.»

E Vacherot diz que «a experiencia da historia animal demonstra que este não revela o mais simples signal de moralidade nem de religiosidade, ainda considerado nas especies superiores; ao passo que a experiencia da historia humana comprova a existencia d'estes caracteres em todas as variedades da nossa especie, ainda mesmo nos povos mais vizinhos da animalidade, que os viajantes puderam observar no centro da Africa e nas ilhas mais selvagens da Oceania.

Assim—nenhum animal, qualquer que seja a sua superioridade natural ou o progresso da sua educação, é ou vem a ser moral e religioso;—todo homem é e conserva-se moral e religioso, qualquer que seja a sua inferioridade nati-

va ou a sua degradação: eis o que por toda a parte a experiencia attesta sem uma unica excepção.»

Fui um pouco maçador, é certo, com tantas citações, mas não me arrependo; porque era este o unico modo de resolver a questão, appellando para autoridades de primeira ordem que *nem o cheiro tem de clericais*.

A religiosidade, pois, este attributo tão essencialmente ligado á nossa vida animica, caracteriza perfeitamente (ainda pondo de parte as faculdades intellectuaes e moraes) um reino superior ao reino animal.—*reino humano*.

Sob o ponto de vista da *organização phisica* o homem é incontestavelmente um animal; a classificação dos seres porem faz-se, não pelo que elles têm de commum entre si, mas pelo que lhes é proprio.

Os phenomenos phisico-chimicos são communs aos mineraes, aos vegetaes e aos animaes; todavia ninguém confunde estes tres reinos da natureza.

E a razão é porque cada um d'estes grupos apresenta uma ordem de factos e de phenomenos de que os outros reinos são totalmente privados.

O reino hominal está precisamente n'este caso, *em que pèze a sciencia da macacada*.

E note-se que a religiosidade é um caracter muito mais importante e decisivo que nenhum dos que caracterizam os outros reinos.

Os polypos foram por muito tempo considerados como vegetaes, e os *multíporos*, tidos a principio como polypos, são hoje collocados entre os reinos vegetal e mineral.

A religiosidade é a insignia distinctiva do homem, o seu maior titulo de nobreza. Entre o homem e os animaes ha um hiato, um abysmo intransponivel, uma linha divisoria perfeitamente demarcada. Alem está o reino animal, áquem o reino humano.

—E os *sabios* atheos a que reino pertencerão?

Como são excepções raras e monstruosas, abortos da natureza dados á luz pela mais vil das paixões, o orgulho, não destroem a regra, antes a confirmam.

A humanidade é, foi e será sempre religiosa, e os disculos que se furtarem a esta lei serão arrastados por ella como o bucephalo pelo cabresto.

(Continúa)

P.º F. SANCHES.

## Secção Historica

### O PAPA PIO VI

Entre os grandes homens que occuparam a Sé de S. Pedro, pois com ra-

rissimas excepções todos foram vultos eminentes. Tem um dos primeiros logares o Pontífice que se chamou Pio vi. O seu nome sera sempre immortal nos fastos da Igreja catholica.

O seu pontificado é dos mais interessantes; foi o mais dilatado que se tinha visto, e só foi excedido por outro Pontífice do mesmo nome, e não menos glorioso, Pio ix; foi cheio de penas e afflicções de toda a qualidade, que herdaram os mesmos de quem só devia esperar consolações.

A philosophia moderna, muito tempo escondida e obscura, já levantava um pouco a cabeça na epocha em que o cardeal João Angelo Braschi foi elevado ao throno pontifical, com o glorioso nome de Pio vi.

Para ensaiar as grandes ruinas que tem horrorizado a Europa e o mundo inteiro, a seita philosophica e maçonica, depois chamada liberal, armou contra o Papa quasi todas as potencias catholicas, debaixo do especioso pretexto de fazer uteis e desejadas reformas. O seu reinado foi uma lucta continua contra o erro, o sophisma e a intriga.

Pio vi conservou intacto e inalteravel o deposito sagrado da fé e da disciplina ecclesiastica, contra todos os esforços d'essa philosophia perturbadora e turbulenta que, para se vingar, destruiu o seu poder temporal, lançou-o fóra dos seus estados, divertiu-se barbaramente com este velho octogenario, de prisão em prisão, e o fez morrer lentamente no meio dos seus perseguidores.

O maior serviço que hoje se pôde fazer á humanidade, é publicar tudo quanto pôde tornar odiosa e detestavel a revolução franceza, sem comtudo faltar aos deveres de historiador exacto. Quem não conhece toda a malicia e iniquidade d'essa fatal revolução?

Todos devem saber os horrendos delictos d'esse monstro devorador que pretendeu, e pretende ainda, embrutecer o mundo por systema, destruir a religião, reduzir os seus templos a montes de ruinas, as casas a esconderijos de feras e as povoações a desertos.

A revolução franceza não se assemelha a nada que se viu nos tempos anteriores, desde o estabelecimento completo do christianismo: *é satânica por essencia*, como disse o conde de Maistre.

«Epocha de terriveis orgias, de scenas de sangue, de crimes que nenhum povo pagão, nenhum povo selvagem tinha nunca dado um exemplo», diz o P. Ventura de Raulica.

Entre os delictos que commetteu, e cuja noticia interesse a todo o homem, tem um logar distincto o que praticou contra o chefe supremo da Igreja Catholica que achou sentado na cadeira eterna do Apostolo.

Pio vi, destinado pela Providencia para arrostar com os envenenados golpes da sagaz philosophia, era tambem digno de os supportar quando ella lh'os desse já sem mysterio e sem os veus que a disfarçavam.

Os principes catholicos, ou demasiadamente sinceros para não conhecer a illusão dos sophistas, ou bem intencionados para desejar a reforma d'alguns abusos, ou muito religiosos para não se atreverem a romper com a Sé de Pedro, apuraram, com as suas reiteradas e indiscretas tentativas de reformas, a paciencia d'este grande Pontífice que sempre se conservou sereno e constante.

O divino Fundador da Igreja, Jesus Christo, nunca se esqueceu da sua obra; sempre lhe deparou, nos tempos da sua mais forte perseguição, homens raros e extraordinarios que por sua auctoridade e virtudes sustentem os fracos, reanimem os que vacillam, e mostrem visivelmente aos impios que a Igreja é obra do mesmo Deus; que Elle é quem a conserva e conservará sempre contra os seus impotentes esforços.

E tambem certo que, quanto maiores forem estes esforços dos impios para destruir a Igreja, maior será a sua victoria, e maiores as forças que adquirir.

E com effeito, o sangue dos martyres e o testemunho dos confessores foi sempre para o christianismo uma semente fecunda, que prodigiosamente lhe multiplica as perdas que experimenta por outra parte.

A Igreja Romana, centro da unidade catholica, mãe e mestra de todas as outras Igrejas do mundo, e cuja fé nunca foi nem pôde ser alterada, em todo o tempo se distinguiu, e devia distinguir-se, na posse d'estes homens raros e extraordinarios.

A historia nos mostra que os que a tem occupado no tempo das maiores tribulações, desempenharam magnificamente o augusto character de successores de Pedro e Vigarios de Jesus Christo.

Mas Pio vi, que nos fins do seculo passado vimos luctando com a grande e horrorosa tribulação, não cede aos seus mais santos e famosos predecessores no solio pontificio.

A mesma philosophia maçonica, que tanto se lisongeava de o abater, certamente não esperava achal-o tão firme na virtude, tão impenetavel ao erro, tão acastellado contra a seducção, tão conhecedor dos sophismas da incredulidade e tão opposto a seus nefandos designios.

Os seus calculos falharam, quando loucamente se persuadiu que era chegado o termo da existencia da Sé Romana e dos seus Pontífices.

Quando a philosophia revolucionaria e maçonica pensava que na sua grande

revolução tudo ia a destruir, achou-se enganada: a Sé de S. Pedro, o baluarte mais seguro da religião christã, e tambem o que ella mais temia, oppõe aos seus violentos ataques a mais vigorosa resistencia; e o premio, que a miseravel philosophia tira de sua temeraria empreza, é ficar vencida, cheia de opprobrio e coberta de vergonha.

Se então confusa e desesperada rompo em maldições e vomita blasphemias, o catholico alegre e agradecido reconhece toda a efficacia d'estas divinas palavras: *Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno nunca prevalecerão contra ella.*

Se os impios se não confundem com este admiravel espectaculo, nem podem reconhecer a força d'uma virtude superior e occulta que assiste ao chefe visível da Igreja e a todos os bispos unidos a elle, para conservarem illeso o deposito da fé até o fim dos seculos, então que nos expliquem como só o entusiasmo ou o fanatismo, na maior serenidade e reflexão do espirito humano, possam produzir phenomenos d'esta natureza.

Não se gloriem no transtorno geral de idéias que offerece o mundo em nossos dias; porque o mesmo Senhor que deu um successor a Pio vi, o ha de dar igualmente ao actual Pontífice Leão xiii, até que se escoem os seculos. O successor de Pio ix ainda se acha no combate, e nós ignoramos quando elle acabará, ou até que ponto augmentarão a sua gloria e o seu triumpho.

Mas voltemos a Pio vi, que por um longo pontificado, repassado de penas, cheio de amarguras e terminado na peregrinação e no desterro, tem um direito particular aos nossos louvores, e talvez um dia o terá igualmente aos nossos cultos.

As acções e virtudes, soffrimentos e desgraças d'este veneravel Pontífice deram tal brado no mundo, que não pôde suffocar-o o estrondo da artilheria franceza com todas as suas victorias.

Pio vi se nos apresenta um dos mais illustres Pontífices que tem florescido na Igreja de Deus; um dos melhores soberanos que teve o povo romano; um heróe da religião que não cessou de a prégar e defender até o ultimo suspiro.

Apparece-nos como um Papa cheio de zelo pelos direitos da Igreja e da sua Sé, mas d'um zelo prudente e illustrado.

Apparece-nos, finalmente, na qualidade de supremo chefe espiritual e de soberano temporal, deposto aleivosamente pelos impios de toda a sua grandeza, privado de toda a sua auctoridade, arrastado cruel e violentamente na sua idade decrepita para fóra dos seus estados, entregando a propria vida nas mãos dos seus perseguidores, mas olhando sempre para os seus males e

infortunios com aquella indifferença e serenidade de alma que só é capaz de inspirar a resignação christã.

Pio VI subiu ao solio pontifício em 14 de fevereiro de 1775. Era geralmente conhecido como um homem virtuoso, cheio de valor e firmeza, de prudencia e moderação. E foi logo sob este caracter annuciado ao gabinete de Versailles pelo ministro francez em Roma. Terminou a sua longa carreira apostolica em 20 de agosto de 1799, em Valence, na França, victima da infame revolução.

Poucos instantes antes de expirar disse ao arcebispo de Corintho:

«Recommendo sobretudo ao meu successor que perdêe aos francezes, como eu lhes perdôo de todo o meu coração.»

A philosophia anti-christã julgava loucamente chegado o momento de entoar o hymno funebre do papado; parecia triumphar a impiedade por ver preenchidos os seus votos. Morre Pio VI, e os impios cantam em todas as linguas a morte da Igreja Catholica.

Na sua exaltação, a impiedade, crendo ser chegado o tempo de correr uma pedra sobre o tumulo da Igreja, exclama: *Acabou a Igreja, morreu o papado. Viva a liberdade! acabou a superstição christã!*

Mas Deus illude as vãs esperanças dos impios: a Igreja e por isso o papado existem e existirão até o fim dos seculos.

Morre o grande Pio VI; mas em breve a Igreja tem um novo chefe e cabeça: é Pio VII, digno herdeiro da sua cadeira apostolica, das suas glorias e das suas amarguras.

Morre Pio VI que, segundo os calculos da seita philosophica e maçonica, devia ser o ultimo Pontifice; mas, ao contrario de todas as previsões humanas e de todas as predicções da impiedade reinante, a interrompida cadeira dos Papas é renovada na pessoa de Pio VII, e continuará até o fim dos tempos.

Aquelle que prometeu à sua Igreja estar sempre com ella, velava do alto do ceu pela sua conservação e perpetuidade, e nunca abandonará a sua obra divina.

Foi providencial o pontificado de Pio VI, a quem succedeu Pio VII; a Pio VII, Leão XII; a Leão XII, Pio VIII; a Pio VIII, Gregorio XVI; a Gregorio XVI, Pio IX; a Pio IX, finalmente, o Santissimo Padre Leão XIII, cuja successão durará até a consummação dos seculos.

E, de certo, ninguem pôdr deixar de reconhecer o dedo da Providencia que derriba os edificios do orgulho humano com a mesma facilidade com que o vento dissipa as teias de aranha.

P.\* João Vieira Neves Castro da Cruz.

## Sessão Critica

### COISAS! COISAS!

Grita-se por esse mundo que o Papa não está prisioneiro, que pôde, quando queira, sahir do Vaticano e andar livremente por onde lhe aprouver; que se está prisioneiro é prisioneiro voluntario, etc.

Os factos porém, acontecidos em Roma na noite de 12 de julho, por occasião da trasladação dos restos mortaes do grande Pontifice Pio IX, provam o contrario do que se diz, e provam-o de uma maneira clarissima.

Quando Roma, o povo de Roma, para nós não faz parte do povo de Roma nem o governo nem aquelles que foram levados a Roma pela Revolução) se apinhava na praça de S. Pedro para acompanhar o cadaver do que fora seu rei, e seu pae; quando a nobreza romana e as altas dignidades da Igreja postavam seus coches junto ao Vaticano para render o ultimo preito ao Pontifice da Immaculada; quando os palacios da fidalguia romana se abriam de par em par para distender ás portas, em respeitadas alas, os seus lacaios, trajando as mais ricas librés, segurando tochas accesas; quando todas as casas se illuminavam e se enchiam de gente para ver passar o funebre sahimento; quando de todas as janellas cahiam nuvens de flores sobre o coche que conduzia o feretro do maior vulto d'este seculo; quando, finalmente, uma cidade inteira se associava piedosa ao psalmejar dos ministros do Senhor, uma turba estupidada, brutalizada pela descrença, fanatizada pelo vicio e pela devassidão, empredrenida pelo continuo roubar e assassinar, vem para o meio dos catholicos e insulta o Vigario de Jesus Christo.

Em meio da policia, das bayonetas que pejavam as ruas soltaram-se gritos como estes: *Abaixo o Papa, viva o Rei, viva a Italia, viva Garibaldi, morra o Papa, morram os sacerdotes!*

Diz o *Observatore Romano* que um deputado radical soltára estas palavras: — *A' latrina! morra o Papa!*

E a policia, que poderia reprimir estas scenas de puro vandalismo, não o fez, e deixou a onda demagogica crescer a ponto de ferir, insultar pessoas inoffensivas, que tinham por armas tochas accesas!

Mas que pôde fazer a policia de uma nação onde se apunhala o rei em plena praça? Quo valem os direitos das gentes perante um governo que se creára á custa do que era dos outros, que para se implantar commettera toda a casta de prepotencias, de tyrannias?

Mas é livro o Papa! dizem, o insulta-

tam-no morto; que seria se Leão XIII subisse do Vaticano!

Nas camaras francezas, por occasião de se discutir o projecto do governo que mandava desapparecer do ensino Deos, levantou-se Julio Simão, velho republicano, e entre outras soltou as seguintes palavras que devem fazer corar os nossos lentes universitarios e macaqueiros:

«Não é preciso explicar-lhes (ás creanças nas escolas) a doutrina religiosa de Spencer ou Kant; basta dizer-lhes singelamente: amae vossos paes, amae vossas familias, amae o proximo e a patria; recordac-vos de Deos

.....  
«permitti a um velho cathedatico manifestar que tinha razão o ministro quando affirmava que no corpo universitario a que pertenco ha 45 annos, nunca se encontrou quem ensinasse o atheismo, a negação de Deos.

«Não, senhores! Quando se descobrisse um professor semelhante, tende a certeza de que a Universidade inteira o expulsaria.»

Julio Simão, depois de apresentar a emenda ao projecto do que fosse obrigado o professorado a ensinar a lei de Deos nas escolas, emenda que foi approvada por grande maioria, acrescentou:

«Ao votar esta emenda, pratico um acto de profundo respeito para com Deos, a quem tenho proclamado durante cincoenta annos de ensino.»

Isto diz-se em França, perante um governo que manda quebrar os crucifixos das escolas; em Portugal, em meio d'um povo catholico, cujos destinos estão confiados a uma monarchia que deve ser catholica, os professores, os lentes fazem da cadeira escolar tribuna onde ensinam o atheismo que a França acaba de expulsar das suas escolas!

Nas varias convulsões politicas que agitaram Portugal foram sempre respeitados os seus mais venerandos monumentos, as reliquias do passado com que este mais se ufanava.

A mais terrivel das invasões que calcaram Portugal foi a franceza, pois nem essa fizera tanto damno ao paiz como a restauração da patria pelo exercito libertador.

Tudo quanto havia de grande e venerando nos conventos, nas igrejas; todos os monumentos grandiosos, todos os objectos de valor desappareceram ante a rapacidade athea dos vandalos libertadores.

Apoiemos o que deixamos dito nas seguintes palavras do sr. Martins de Carvalho, publicadas em o n.º 3537 do *Conimbricense*:

«Em 1834 veiu uma commissão a

Coimbra, e fez conduzir do templo e santuario de Santa Cruz para o Porto tudo quanto achou de melhor em quadros e outros objectos de arte.

Havia quadros de grande valor no santuario de Santa Cruz que foram levados para o Porto, dos celebres artistas Lucas de Loyden, Frederico Baroccio, ou Baroche, Alberto Dürer, Pedro Paulo Rubens, Carlos Maratta, Ciro Ferri, Bassano, Raphael d'Urbino, Pomerancio, Annibal Carrache, Cavalheiro d'Arpine, Bacici, e Pedro Breughel.

E aonde estão hoje a maior parte d'estes quadros? Acham-se no Porto, ou no estrangeiro?

Egualmente foi levada para o Porto a espada que se attribue ter pertencido a D. Affonso Henriques; assim como a riquissima e preciosa escriptura, que serviu no concilio de Trento, sendo tanto a salva como a campainha, tinteiro e arcoiro do ouro, forrado pela parte externa de tartaruga em filigrana—a qual escriptura tinha si lo doada ao mosteiro de Santa Cruz pelo papa Benedicto XIV.

Da mesma fórma existiam no santuario 33 relicarios de prata e ouro, e alguns cofres e pequenas arcaes.

A corôa do Senhor era toda d'ouro macisso, de duas vergas torcidas, e atadas em quatro logares com torçoes de ouro. No alto da corôa estavam dependurados dois espinhos, que eram encastoados tambem em ouro.

Além d'isto em um bem acabado sarcophago, collocado por cima da porta do santuario do mosteiro, guardava-se uma cruz de ouro macisso, chamada dos reis. Era cravada de finissimas pedras, e tinha encastoados parte do santo lenho, que, segundo D. Nicolau de Santa Maria na *Chronica dos conegos regnantes*, D. Affonso Henriques tomara a seu primo Affonso VII, quando o venceu em Veiga da Matança.

Diz o mesmo chronista que esta cruz fôra dada ao mosteiro por D. Sancho I, juntamente com um anel da rainha D. Dulce.

Agora saiba-se que na—*Exposition Universelle de 1867 à Paris Description des monnaies, médailles et autres objets d'art, concernant l'histoire portugaise du travail*, pelo sr. A. C. Teixeira d'Aragão, e impressa em Paris no referido anno, se lê a paginas 124, o seguinte, que traduzimos do francez:

«Cruz latina de ouro destinada a ser collocada em uma haste. Na face principal estão engastados 17 rubis e safiras, e 56 perolas finas; sobre os primeiros acham-se signaes arabes, chamados talismans; em todo o resto grande trabalho de buril. Sobre a face posterior os symbolos dos quatro evangelistas, no centro o *Agnus Dei*.

—Lendo de cima para baixo—DNS—SANCIVS—REX—IVSSIT—FIERI—HAC ANO—ICARNATIOJS.—M—CC: XII.

Na extremidade inferior vê-se uma esfera coberta de filigrana.

XIII seculo.

Altura 60 centímetros.

Exposta por s. m. el-rei D. Luiz I.

Ora não será esta mesma cruz de ouro, que existia no santuario do mosteiro do Santa Cruz d'esta cidade?

E sendo-o, como tudo o indica, qual a razão porque ella sahio de Coimbra, e foi parar á casa real, podendo assim ser d'alli mandada por el-rei para a exposição de Paris, como se fosse propriedade sua?

A tudo isto devemos acrescentar que muitos livros e pergaminhos existentes na grande livraria de Santa Cruz e em outras casas religiosas de Coimbra, foram extraviados.

Assim se tem defraudado esta cidade de numerosos monumentos, que havia aqui, e a ennobreciam.»

Aqui temos as palavras com que um liberalão stigmatiza o proceder dos seus amigos, e mais falla só das expoliações feitas a Coimbra! Que faria se s. s.ª tivesse de referir-se ás que foram feitas a todo o paiz!

Veja o snr. Martins de Carvalho como são as cousas d'este mundo!

Entrou em Portugal o exercito francez avido de sangue e rapina; roubou e matou quanto quiz, mas depois, passado o estropito dos dragões de Napoleão, emudecidos os canhões do vencedor da Europa, ouviu-se o psalmejar do monge na sua egreja; viu-se alvejar o habito do eremita por entre a fronde dos arvoredos e os visitantes dos mosteiros continuaram a admirar as preciosidades que nossos maiores alli amontoaram.

Mas apenas dominaram as hostes libertadoras tudo desapareceu:—as precices do monge, e as preciosidades de grande valor!

Viva a liberdade! toque o hymno, snr. Martins de Carvalho!

Os jornaes estrangeiros quizeram ver nos acontecimentos que ultimamente se deram em algumas cidades francezas e italianas, o morrão que devera accender o facho da guerra entre as duas nações tão estreitamente ligadas no tempo do Sendeiro que largára a carga em Scadan.

Os liberaes da nova Italia não duvidaram attribuir aos catholicos os manejos de uma conspiração contra o governo e as instituições, e accusavam-os até de conivencia com a França Gambetista, como que podêsse existir harmo-

nia entre os filhos da Egreja, que tem por divisa o amor da humanidade, e os sectarios do maçonismo republiceiro, que tem por mote tudo arrazar.

E' certo que se as hostes da França entrassem na Italia seria o seu primeiro cuidado liquidar contas com os *senhores* do Quirinal, fazer-lhes como elles fizeram aos que o occupavam em nome do seu direito e legitimo senhor, entregando-o aos abraços das columnas de fogo que abrazaram as Tulherias e a Grande Opera.

Mas ao mesmo tempo que isto se fazia aos occupadores de Roma, o Vaticano seria invadido pelas turbas atheistas dos soldados de Gambeta e Ferry; o Papa seria preso ou fuzilado em plena praça de S. Pedro, e na vasta egreja, metropole do catholicismo, limpa das santas imagens, seria collocada a deusa razão, desnudada, aos pés da qual se curvaria a canalha vencedora que tem pejo de curvar-se diante da Sagrada Eucharistia.

A Italia liberasta desaparecia, é certo, mas um sem numero de pequenas republicas, modeladas pela republica franceza, se estabeleceriam em toda a peninsula; o Vigario do Christo deixaria de ser prisioneiro em nome da *liberdade* e da *unidade* da Italia, mas seria encarcerado *legalmente* em forte masmorra por um governo atheu, com a franqueza bastante para dizer:—Não queremos Papas, por que não queremos reis.

Por isso que a Egreja e os catholicos nada lucrariam com uma tal mudança, antes perderiam porque se repetiriam em Italia as scenas que em 93 e 71 presenciara a França, não se creia que elles, os discipulos de Jesus, promovam a guerra, que só aproveitaria á França, unica nação onde abertamente se faz guerra a Deus e a toda a auctoridade.

Os catholicos não promovem guerras, não se armam contra os seus inimigos; ajoelham aos pés da Cruz e esperam resignados do céu o remedio a seus males. E, como não ha memoria de que a tyrannia ficasse em tempo algum sem castigo, aguardam melhores dias, dias em que suas culpas sejam lavadas pelas orações de milhões de catholicos, para merecerem ver o castigo do Eterno pesar sobre os oppressores do Papa, os roubadores dos bens da Egreja, os conspurcadores de todas as leis divinas e humanas.

UM LEITOR DE GAZETAS.



## Secção Litteraria

## A GOTA DE SANGUE (1)

Afra, ó Afra tam formosa,  
E tam corrupta e tam má!  
Acaso a belleza tua  
Só pasto ao vicio dará?

Tens palacios, tens escravos.  
Tens riquezas a granel:  
Vives feliz n'esse luxo?  
Não tam travor esse mel?

Ah! maldiz, maldiz essa hora  
Que nos pés o abysmo te abriu:  
Em que a celeste virtude  
Chorosa de ti fugiu!

Eras pura, e na innocencia  
Anjo baixado do ceo;  
Envolvia-te a modestia  
Com doce, candido veo.

Da castidade trilhavas  
A estrada com fiel pé;  
O mundo não conhecias  
Perverso, infame qual é.

Nunca, nunca o conheceras,  
Que fôras então feliz!  
Jamais o fel provarias  
Que elle grato mel nos diz!

Mas ail surgiu-te do inferno  
O monstro da seducção,  
E tam lindo pareceu-te,  
Que lhe désta o coração!

Desditosa! que perdeste  
A belleza mais gentil!!  
Ah! maldiz, maldiz essa hora  
Hoje, o sempre, vezes mil!

Com seu bazo empeçonhado  
O monstro t'a offuscou,  
Como o sopro da procella  
O azul ceo negro tornou!

E, depois, o vicio horrendo  
Travou-te da fragil mão,  
E arrastou-te, sem piedade,  
Na estrada da corrupção!

Na frente o mundo gravou-te  
Um nome aviltante, atroz;  
E adulton-te, o escarneceu-te,  
Ora torpe, ora feroz!

## II

Na de Augusta opulenta cidade  
Hoje ha grande, esplendente funcção:  
Que de Roma o tyranno ha proscripto,  
Implacavel, o nome christão.

E, de sangue christão sequiosa,  
Vôa a turba com jubilo e ardor.  
Pleno é o circo; impacientes, mil vozes  
A hora apressam com rijo clamor.

Afra, a louca, a gentil peccadora,  
Não, á festa pagã não faltou:  
De belleza e de galas deslumbra;  
Seducções quantas pôde ajuntou.

Do christãos banha já vasta arena  
Sangue a jorros, e o povo applaudiu!  
E Afra, a louca, a gentil peccadora,  
Aos applausos do povo se uniu!

(1) Vejam-se as notas de Santa Afra e do suas com-  
padroiras.

## III

Mas... que subito choque a turba e agita?  
Porque do rosa perde a face a côr?  
Porque os olhos desvia apressurada?  
Porque fogo d'alli choia de horror?

Sangue do martyr, precioso sangue,  
Tu mostraste quam grande é teu poder:  
Uma gota que as vestes lhe salpica,  
Basta para a perdida converter!

Bem diz, Afra, bem diz a hora ditosa  
Em que dos crimes teus o horror já vês!  
Vae, corre, lacrymosa e bem contrita,  
Prostrar-te de Narceizo aos santos pés.

Não temas, que o bom Bispo é pao clemente,  
E' piedoso ministro de Jesus.  
T'ens negras culpas? Todas, todas lava.  
Divino sangue que manou da cruz.

Eis-te christã; peccados, impurezas,  
Apagou-te, extinguiu-se agua lustral:  
Bem diz, Afra, bem diz a hora ditosa  
Que a innocencia te torna angelicall!

Palacios, joias, fulgidos brocados,  
Ricas alfaias, são thesoiros vãos:  
Bem hajas! d'esse lixo te despojas;  
Vólvel-o em pão dos pobres, teus irmãos.

## IV

Caio, apparelha ardis de idolatra rhetorica;  
Mil torturas lembra ao teu ministro, o algoz:  
Que importa? Afra é christã; não treme ante o  
martyrio;  
Nem doçura a seduz de copiosa voz.

—Aos deuses sacrifica, ó gloria do prosti-  
bulo.  
Entre o Deus dos christãos e tu que ha de  
commum?  
Incenso vae queimar no excelso capitolio,  
E em copia oiro terás e anantes mil por um.—

«Quem benigno aceitou de Magdalena as  
lagrimas,  
E á meza de Zachen bondoso se assentou,  
A humilde arropendida acolherá propicio,  
Perdoando o que fui, só veudo o que ora sou.»

—Historias!... Mas cessar quero disputas  
frivolas:  
De Roma os deuses vae sem replica adorar,  
Ou do corpo gentil o miserando espirito  
Nos tratos sentirás, no fogo atroz, voar.—

«Que importa? Afra é christã; não treme  
ante o martyrio:  
Esta carne, que foi couto de vis paixões,  
Calcinem já sem dó chammias expiatorias,  
E ale-se a alma veloz ás celicias mansões!»

## V

Já se alça a seva pyra  
Para o feroz supplicio;  
A hostia do sacrificio  
No topo firme está:  
Não geme, nem suspira:  
Em raptos infinitos,  
Co'os olhos no ceo fitos,  
Vôa-lhe a mente lá.

Já o fumo se innovela;  
A lenha já se inflamna;  
Já sobe a rubra chamma  
Em linguas e espiraes.  
Afra, animosa e bella,  
Na mais ardute prece  
Ao Pae celeste off'roce  
Os seus tranços mortaes.

«Senhor omnipotente,  
Que pelos peccadores

Soffreste tantas dores,  
Morreste n'uma cruz;  
O' Pae eterno e clemente,  
Rompe-me os terrees laços,  
Perdoa-me, e nos braços  
Recebe-me, Jesus!»

Disse, e já na garganta  
Lhe expira a voz suave;  
Qual nivea, veloz ave,  
Sua alma se ergue ao ceo:  
Lá coro de anjos santa  
A proclama e festeja,  
E dos Christãos a Igreja  
Na terra aras lhe ergaou.

Apoz tam bella gloria,  
O' peccador, confia,  
Que de perdão é dia  
Dia de contrição:  
Queres lograr victoria?  
Acode pressuroso  
De Jesus amoroso  
Ao doce coração.

Foz do Douro, Julho 1881.

A. MOREIRA BELLO.

## Secção Artistica

O meu pensar ácerca das artes  
portuguezas no seculo XIX?

## I

Um profano, membro, ainda que in-  
digno, d'essa classe que, continuamente,  
está sendo alcunhada de *ignorante e*  
*obscurantista* pelos *sabios* hodiernos, que  
apenas lhe concedem o possuir alguns  
conhecimentos do *enfadonho cantochão*,  
do *archeologico latin* ou finalmente do  
*legendario Larraga*, ousa penetrar hoje  
no sanctuario das artes portuguezas; e,  
com a devida venia dos seus levitas,  
declarar o que vae em seu espirito a  
respeito das mesmas.

Será arrojô?—Não duvido—Mas que  
importa o conceito?—Será verdadeiro?  
—Não será antes devido á malqueren-  
ça, ao odio satanico, que taes sabios  
consagram a essa classe, a quem de-  
nunciam como fautora de todos os ma-  
les preteritos e presentes, que assola-  
ram, e assolam a misera humanidade?  
—Não terá ella produzido mais benefi-  
cios do que nenhuma outra?—Assim o  
creio.

—Não pôde negar-se, é certo, que,  
geralmente fallando, a illustração do  
clero portuguez não corre parellhas com  
a illustração do clero francez, allemão  
ou italiano, por circumstancias que nin-  
guem ignora; mas tambem é certo, que  
a illustração das restantes classes so-  
ciaes, que constituem a nossa naciona-  
lidade, não se torna de tal modo nota-  
vel, que sobrepuje aquella, nem sei que  
entre estas se encontre algum nome au-  
reolado, que influa com o seu prestigio  
na balança da sciencia, e a faça incli-  
nar para um ou outro lado.

Ao clero cabe a honra de ter sido  
quem primeiro cultivou a grande arvo-

re do saber humano; os denominados sabios da epocha pouco mais têm feito do que colher os fructos d'esse seu trabalho; e por maiores esforços que envidem para sonhar uma honra, que lhes não cabe, debalde conseguirão o seu intento, nem poderão calar o eloquente testemunho da historia, archivado não só entre o pó das bibliothecas, mas ainda expresso em todo o mundo com caracteres de pedra ou de bronze.

Foi ainda o clero quem primeiro deu impulso ás artes, foi elle quem mais concorreu para a sua cultura e aperfeiçoamento, foi elle, enfim, quem pdeu ornamentar e culminar o mundo com monumentos, que parecem d'algum modo rivalisar com as obras do Creador.

E assim devia, naturalmente, succeder; porquanto o sentimento religioso foi o primeiro, que, espontaneamente, germinou entre todos os povos ainda mesmo selvagens; e o Christianismo, religião sublime, contém em si os meios necessarios para a realisação d'esse ideal, que, despreendendo o homem da terra, o leva a unir-se com o ceo, servindo-lhe como de escadario o sanctuario das artes.

Será assumpto alheio á indole d'esta revista?—Não me parece, visto intitular-se *artística*; mas, quando o fosse, não devia negar-lhe o accesso.

Eu entendo, e parece-me que com bom fundamento, que na actualidade a imprensa religiosa deve abrir columnas para todos os assumptos dignos de attenção; só assim poderá com vantagem fazer face a essa imprensa impia, e desmoralisadora, que por ahí vaguea, opprobrio d'um dos mais maravilhosos inventos.

Bem sei que, infelizmente, não é isto, em geral, o que succede com a imprensa religiosa do nosso paiz, pelo que a sua influencia está bem longe de ser, o que era para desejar.

Restringindo-se d'ordinario, sómente, ao campo philosophico ou theologico, e ainda muitas vezes ao politico, occupa-se de questões, que de ha muito foram cathegoricamente resolvidas pela sabia escholastica, de mãos dadas com a theologia, ou apresentam repetidas vezes os argumentos com que se prova a divindade da religião, a sua excellencia, tanto em relação ao dogma, como em relação á moral, extensas descrições de *festividades* etc., e não ha tiral-a de semelhante posição; por isso vive, mas vida rachitica.

A imprensa impia ataca-a em muitos e variados campos, e ella entrincheira-se n'um só; e, comquanto se defende heroicamente, não póde nunca alcançar senão uma victoria parcial.

A' similhança da imprensa religiosa da França, Belgica, Allemanha e Italia, é necessario que a imprensa religiosa

portugueza se levante á sua verdadeira altura, que não só se defenda, mas combata com denodo e mestria a sua rival em todos os seus reductos, e combata sem treguas, já no campo da sciencia, já no campo da arte, já por meio do jornal, já por meio do livro, já emfim por meio do folheto.

Enquanto, a meu ver, a imprensa religiosa não satisfizer a todas as condições de variedade e de interesse não só espirital, mas tambem material, enquanto não proporcionar as vantagens do *annuncio* e da *noticia*, e proporcionar o antidoto pelos mesmos vasos que a imprensa impia propina o veneno, continuará a ter por leitores o clero (o que em geral menos precisa d'ella) e um ou outro catholico fervoroso, de modo que a sua influencia, limitando-se a um apertado circulo, pouco pode concorrer para a reforma moralisadora do nosso pequeno mundo individual e social, hoje tão abalado pelo embate das mais vis paixões.

Estarei illudido?—Oxalá que assim seja.

As artes devem tambem merecer a attenção da imprensa religiosa.

Desde a minha infancia, que me senti inclinado para o seu estudo, e se a elle me não dediquei, como poderia, foi porque uma força irresistivel me impelliu mais fortemente para o estudo da sciencia; mas, antes que eu manuseasse, já em Santarem, já em Coimbra, os livros sagrados e as obras dos theologos, monumentos, onde se conserva essa sciencia, que, sendo verdadeira, junea de consolações e de esperanças a vereda estreita da vida, convivi em Lisboa, durante alguns annos, com varios artistas nacionaes e estrangeiros de subido merecimento, os quaes se dignaram, generosamente, ensinar-me os primeiros rudimentos das artes.

Desde então até ao presente não tem em meu espirito havido mudança a respeito d'estas.

Reconhecia e reconheço, que as artes em Portugal jazem em profunda decadencia;—reconhecia e reconheço as causas principaes d'essa decadencia; reconhecia e reconheço os remedios, a meu ver, mais adequados para extinguil-a.

*Decadencia,—causas,—e remedios* da mesma; eis os tres pontos que passo a desenvolver, se bem que ligeiramente, e consoante os meus debeis recursos.

## II

A' similhança da historia religiosa e politica, a historia das artes em Portugal tem seus periodos de grandeza e seus periodos de decadencia; d'ordinario existe uma correlação admiravel

entre esta e aquella; quando estas floresceram, tambem aquellas floresceram; quando estas decahiram, tambem aquellas decahiram.

Portugal foi grande e poderoso, ninguém o ignora.

Sulcando mares desconhecidos, descobrindo terras longiquas, povoando paizes inhospitos, civilisando por meio da cruz, regiões as mais selvagens, dando impulso á navegação, ao commercio, á industria, ás sciencias e ás artes, consolidando em bases solidas a sua autonomia, mereceu ser collocado no alto da lista das nações, ser respeitado por todas, e partilhar da sua amizade, ainda que muitas vezes pouco sincera.

D. Affonso Henriques, D. Diniz e D. Fernando deram o primeiro impulso ás artes portuguezas.

D. João I.º, monarcha valoroso, que pdeu dominar o leão de Castella, e lançar em terras d'África a primeira semente, d'onde havia de germinar o immenso poderio e a extraordinaria grandeza de Portugal, seguiu as pisadas dos seus tres illustres antecessores, de modo que as artes, progredindo, poderam no venturoso reinado de D. Manuel attingir um maximo desenvolvimento, e até originalidade.

Provas—Não faltam; nem julgo necessario indical as, porque são bem visiveis.

Chegou porem uma epocha em que Portugal, enebriado com o seu immenso poderio, saciado de gloria, teve de soffrer o destino imposto, fatalmente, a todas as nações, que descaram dos meios solidos de consolidar a sua felicidade.

A ambição de mais possuir, e o fulgor de gloria cegaram-n'o, e lá foi nos campos de Alcacer-Kibir soffrer morte affrontosa.

São assim as grandezas do mundo!

Sob o jugo despotico dos tres Philippes, de nefanda memoria, decahiram as artes, e assim continuaram até ao magnanimo reinado de D. João V;—o que não deve causar extranheza, por que Portugal, resurgindo na memoravel data do dia 1.º de dezembro de 1640, necessitou dedicar-se durante largos annos, aos arduos labôres da guerra, para mostrar ao mundo que não havia morrido, mas sómente soffrera um somno lethargico e que por isso tinha jus á existencia, como de facto alcançou.

D. João V, comquanto seja apodado de *fanatico religioso*, foi, incontestavelmente, *fanatico artistico*; e pdeu, empregando todos os meios ao seu alcance, levantar as artes da decadencia em que jaziam.

D. José I e D. Maria I continuaram a sua obra; mas, d'então até ao presente, a decadencia se manifestou no-

vamente; e, apesar d'alguma pequena reacção, ella continua a olhos vistos.

Logo no começo d'este seculo Portugal teve de sustentar guerras porfiadas com estranhos povos; mais tarde sobrevieram as guerras patricidas, de triste recordação; e, desejando caminhar na vanguarda das nações, abraçou sem discernimento todos os seus ensinamentos, e d'ahi uma decadencia pasmosa, não só nas artes mas em... tudo!

Portugal d'hoje já não é o Portugal d'outras eras—A sua fé ardente, seu valor guerreiro, os seus admiraveis e encantadores costumes domesticos e sociaes, o seu commercio, a sua industria, a sua sciencia e muito principalmente sua arte, não são nem sequer sombra do passado; e, é tal o seu estado moribundo, que, á semilhança do enfermo nos paroxismos da morte, só lhe resta ex-halar o ultimo suspiro, entregando-se exanime, nas mãos dos seus cubicosos e falsos amigos, para não mais resurgir!

O estrangeiro, que aborda a Portugal, fica, sem duvida, maravilhado ante as artes portuguezas dos seculos, que já lá vão.

Percorrendo o em todas as direcções, encontram monumentos, que lhe fazem despertar, e saciar o seu bello artistico; e não é isto um puro devaneio, porque, realmente, assim tem succedido a muitos, que até tem consagrado as suas pennas em honra e proveito das nossas artes; mas se, ao sair da sua abstracção, perguntar onde estão as artes portuguezas modernas, apresentar-lhe-hão um ou outro monumento, que nem prima pelo ideal, que presidiu á sua construcção, nem pelo cumprimento das regras a que devia estar sujeito.

Procurará, sem duvida, o estrangeiro conhecer as causas d'esta decadencia; e eu, seguindo-o nas suas lucubrações, parece-me que não me afastarei da verdade, apresentando as que vou a dizer.

Braga, Agosto de 1881.

(Continúa).

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

### UMA PRECE, LEITORES!

O muito reverendo Padre Joaquim José Alvares de Moura, o missionario incansavel, o apóstolo que todo o Minho conhece e a quem se deve o magnifico santuario e collegio de Santa Quiteria, em Felgueiras, está a braços com uma grande enfermidade.

Melhor que os cuidados da sciencia, são, com certeza, as consolações da religião; oremos, pois a Deus Nosso Senhor, para que olhe piedoso o seu digno ministro e lhe minore os padecimentos.

De joelhos, leitores, ao receberdes este numero do *Progresso Catholico*, mandae de vossos labios ao throno do Senhor uma fervida prece pelas melhoras do amigo dos pobres.

A REDACÇÃO.

### Retrospecto da quinzena

Era para aqui a descripção das festas, havidas n'esta cidade no dia 31 do passado julho, se penna mais habil, a penna do primeiro escriptor vimarense nos não antecipasse, occupando as primeiras paginas da nossa Revista.

Está pois satisfeita a divida do *Progresso Catholico* para com a cidade inteira; falta, porem, que nós, da nossa parte, satisfaçamos á obrigação que nos cabe de fallar com especialidade da maneira entusiastica com que os membros da comissão dos festejos na antiga rua de S. Damazo, se houveram para desempenhar o honroso cargo que lhe fôra commettido.

E' certo que esfríara um pouco esse entusiasmo quando se annunciou a transferencia da festa; mas seria porque tivessem a transferencia como um pretexto, ou seria que o seu animo não soffresse delongas para a manifestação dos seus sentimentos catholicos? O que depois fizera é resposta bastante.

Dois dias antes da festa não havia ainda na rua de S. Damazo signal de movimento algum; apenas na sexta-feira pela tarde principiaram a erguer-se alguns mastros. No sabbado, quando os vizinhos abriram as janellas a rua era entoldada de bandeiras em toda a sua extensão e no topo de dezenas de mastros tremulavam flamulas e galhardetes.

A' entrada da rua erguia-se um arco singello mas elegante, e pelo dia adiante tanto se trabalhou, que á noite a rua de S. Damazo destacava-se de entre todas as de mais.

Desculpem-nos os contrarrazões nossos a especialidade que damos á nossa rua, e não tenham nossas palavras como desejos de anesquinhar as festas das demais ruas. Não, para longe tal pensar.

Os estreitos limites do espaço que nos está reservado, não nos permite fallar de todas as ruas, e nem era possível fazel o, porque impossivel é o descrever o entusiasmo com que o povo de uma cidade se associou para dar um publico testemunho dos seus sentimentos religiosos; o meu fim é simplesmente agradecer aos meus companheiros

na comissão, a boa vontade com que se prestaram aos maiores trabalhos, e aos vizinhos em geral, que espontaneamente prestaram a sua coadjuvação, concorrendo assim para que a nossa rua se tornasse digna por occasião da maior festividade que Guimarães presenciara.

E se logar de honra se dá na primeira pagina ao nome do iniciador de tão imponente festividade, justo será que aqui, n'este logar mais humilde, demos logar aos nomes de Francisco Cerqueira, Bento Joaquim de Oliveira, José Eugenio e Francisco José Pereira que connosco formaram a comissão da nossa rua, esperando que elles nos desculparão o memorial-os na nossa revista, fazendo-os conhecidos dos leitores do *Progresso Catholico*, não esquecendo nomear Antonio e Manuel Passos que, apesar de não fazerem parte da comissão, prestaram os maiores serviços.

A todos agradecemos como membro da comissão e mais ainda como representante da imprensa catholica do paiz n'esta cidade.

O *Progresso Catholico* não podia abster-se de tomar parte no grande Congresso Catholico que se reuniu em Lisboa, e que tão sabiamente se dirigira durante os dias em que funcionára.

A seguinte carta, que o redactor principal d'esta folha dirigiu ao Ex.º Sr. D. Antonio d'Almeida, confirma o que deixamos dito:

«Meu bom amigo e Snr. D. Antonio de Almeida.

Aqui recebi hontem com bastante atrazo, a amavel carta de V. Ex.ª, á qual sem mais demora respondo.

Se motivos de saude não me obrigassem a tomar actualmentemente as aguas de Mondariz, para minorar soffrimentos que n'este verão se tem aggravado, dar-me-hia eu pressa de corresponder ao obsequioso convite de V. Ex.ª, e, embora indigno, iria do melhor grado tomar parte n'esse congresso catholico, ha pouco aberto em Lisboa.

O que, porém, não posso deixar de fazer é applaudir cá de longe com a mais calorosa óvação o bellissimo pensamento da inauguração do dito congresso, desejar que elle prosiga as suas sessões com uma assistencia mais e mais numerosa, e promova os meios mais luminosos e praticos de melhorar as condições da nossa difficil existencia religiosa: bem como me apraz declarar que de antemão adhiro plenamente a tudo quanto ahí se resolve n'este sentido, porque Deus sabe que a paixão unica que me anima é o triumpho da causa catholica e a defeza dos sagrados interesses que lhe dizem respeito.

Tenho a honra de assignar-me  
Mondariz (Hespanha), 13 de Julho de 1881.

De V. Exc.ª, etc., etc.  
P. Senna Freitas.»

A *União*, de Paris, occupando-se da

expulsão de D. Carlos de Bourbon do territorio francez, diz o seguinte:

«Saindo de França, o Sr. Duque de Madrid dirige aos seus amigos um adeus, que é, ao mesmo tempo, um testimonho dos seus sentimentos para com o nosso paiz, glorificado pelos Reis, seus avós, e um protesto contra o governo de uma republica desprezada.

A digna e altiva linguagem de Dom Carlos de Bourbon prova que a revolução, se pôde ferir os principes depositarios do principio da auctoridade legitima, não pôde rebaixal-os ao seu nivel.

A revolução expulsa os Reis, mas não pôde expulsar de suas almas a realza.

Eis a despedida de Carlos VII:

«Aos meus amigos.

«Um ministro, que julga que um Bourbon, um descendente de Henrique IV e de Luiz XIV, pôde ser em França um estrangeiro, retirou-me a hospitalidade franceza.

«O motivo d'esta medida foi de certo a minha presença em uma cerimonia religiosa, á Missa celebrada a favor de meu Tio, no dia de Santo Henrique.

«Protesto contra este acto de pura arbitrariedade.

«No momento em que soffria esta violencia, os hespanhoes que tinham vindo, confiados na protecção da França, fecundar com o seu trabalho o solo da Argelia, soffrem, sem serem defendidos, intoleraveis tractos.

«A Hespanha chora os seus filhos immolados, as suas filhas deshonradas e levadas para o deserto.

«A verdadeira França não é responsavel pelos actos d'este governo; ella é o berço da minha familia, e eu amo-a o mais carinhosamente.

«Lembro-me de todas as dedicações que teem adoçado as amarguras do meu exilio.

«No momento de deixar o solo francez, dirijo aos meus amigos os meus agradecimentos e o meu adeus.

Paris 17 de julho de 1881.

CARLOS.»

Devem lembrar-se os leitores do *Progresso Catholico* de haver-se annuciado aqui a partida de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. D. José Sebastião Netto, Bispo de Angola e Congo, para a sua diocese. Todos conheceram as virtudes, o santo amor de Deus e da patria que arde no peito de tão virtuoso Prelado.

Pois apezar d'isto, apezar de todos os predicados que o tornam um verdadeiro Apostolo, S. Ex.ª Rev.ª tem inimigos. E quem serão elles?

Vejamos por uma carta que parece lhe fora dirigida, e que transcreve a correspondencia de Loanda para a *Actualidade*. Eil-a:

«Sr. bispo de Angola e Congo. — Respeitadores da religião do estado,

crentes na religião de nossos avós e admiradores submissos das doutrinas

de Christo, todas amor, humildade e abnegação, não nos tolera o animo que

v. ex.ª venha a esta infeliz provincia a angariar adeptos e implantar o jesuitismo!

Principia v. ex.ª pelo já bem conhecido systema d'esta seita, sempre

eivada de nefandos vicios, a catechisação da mulher, aconselhando-lhes a

confissão e fallando-lhes no casamento. Este é o iman jesuitico, que as faz

doceis e obedientes ás ordens mais abjectas, immoracs e desnaturadas que essa

seita de vampiros lhes queira impôr! Aquella é a tortura moral aonde se

lhes esphacela o coração, aconselhando-lhes a desobediencia aos paes, aos maridos e aos irmãos, para facilmente lhes

extorquir o segredo da familia e as heranças, precipitando-as muitas vezes

na deshonra e no adulterio, fazendo d'uma boa filha, d'uma esposa honesta,

d'uma irmã amiga e d'uma mãe carinhosa, um ente repellente, mau, infame e asqueroso!...

Senhoras de Angola: acautelai-vos d'esses canibacs tonsurados! paes, maridos, irmãos e filhos, abri os olhos e

dae menos importancia ás conveniencias. E v. ex.ª, sr. bispo, ou pare, ou

volte ao seu convento, e estanque as lagrimas da saudade a sua velha mãe.

Nós queremos a religião que Christo prégou, mas não queremos retroceder

na civilisação, nem queremos voltar ao tempo ominoso de Torquemada e Pedro

Arbuez; e se já não ha um marquez de Pombal, ha muito homem de boa

vontade que não verá de braços cruzados medrar uma seita que só visa a

dominar!!!

Cautella... filhos de Ignacio de Loyola.—O *Tribunal Secreto*»

A carta, como vemos, é assignada pelo *Tribunal Secreto*, e por tanto es-

cuçamos de nos admirar das sandices, das parvoçadas que a mesma contem.

No *Tribunal Secreto*, nas casnas do maçonismo, ou do *liberalismo* não penetra a luz, e, onde as trevas imperam certo

é o asnear.

Não commentamos o facto, mas enviamos mil parabens ao Ex.ª e Rev.ª Snr. D. José Sebastião Netto, por ter

d'estes inimigos.

O zelo apostolico que tanto distingue o venerando Prelado Angrense o Ex.ª e Rev.ª Snr. D. João Maria do Amaral Pimentel, tem uma subscripção

aberta para a dotação do Seminario da sua diocese.

Tem sido tão bem recebida esta ideia, são tão importantes os donativos de algumas pessoas, que não podemos

deixar aqui os seus nomes, como um

padrão erguido á caridade christã das damas de Ponta Delgada.

Transcrevamos algumas linhas do nosso collega de Angra, *O Catholico*:

«De illustres e religiosas familias da cidade de Ponta Delgada, teem vindo

generosas offertas, avultando, por entre todas, o rasgo extraordinario de

caridade da exc.ª condessa de Fonte Bella, que offereceu para tão santa empreza a quantia de 1:000\$000 reis!

Bem haja, bem haja a nobre senhora, que assim soube envolver no manto da

sua grande caridade um estabelecimento de tantas esperanças para a diocese

açoriana.—E Deus que não deixa sem recompensa um copo d'agua fria dado

em seu nome, recompensará superabundantemente tão generoso offerecimento.

Alem d'esta offerta e da da exc.ª snr.ª viscondessa da Praia, a que já

nos referimos, constam-nos mais as seguintes:

Exc.ª Baroneza de Nossa Senhora da Oliveira..... 50\$000

Exc.ª snr.ª D. Marianna Amalia Cymbron..... 22\$000

Exc.ª snr.ª D. Maria Clara Rebello Borges de Castro. 6\$000

Exc.ª Comodoro da Armada dos Estados Unidos... 10\$000»

A Representação dirigida aos poderes publicos do paiz, contra os jesuitas, publicada no *Progresso Catholico* e

posta depois á venda em um folheto de grande luxo, pôde dizer-se que foi a

produção litteraria mais lida, mais bem acolhida de todas quantas teem

saido das pennas portuguezas.

Foi lida pelos dois mil leitores do *Progresso Catholico*, por perto de mil

personas que compraram o folheto e pelos leitores de dois ou tres jornaes do

continente.

Nas Ilhas transcreveram-a alguns jornaes.

No Brazil foi transcripta pelo *Brazil Catholico*.

Na India, pela *India Catholica*, de Bombaim.

Pôde dizer-se que a leram mais de 50 MIL PESSOAS!

E cada leitor soltou uma gargalhada que arremeçou ás faces dos *liberaes* que fizeram outra representação.

Que ferro!

J. DE FREITAS.

**Cumprimentamos o nosso collega portuense a «Palavra» por entrar no declino anno da sua publicação, durante o qual o esperamos de vizeira ergulda diante dos nossos inimigos.**